

Quando o ódio mantém a vida

Augusta Gerchmann,¹ Porto Alegre
Paulo Roberto Ceccarelli,² Belo Horizonte

Resumo: Partindo da prematuridade biológica do ser humano e sua fragilidade constitucional marcada pelo desamparo, os autores procuram situar as origens do ódio na insuficiência das primeiras trocas do recém-nascido com o mundo. Sem um outro capaz de interpretar as necessidades do bebê, sua capacidade de sobrevivência psíquica não ocorre, pois as representações são carregadas de um quantum de energia geradora de desprazer. Aquela/e que oferece suporte ao bebê, candidato potencial a sujeito, deve poder assegurar-lhe a travessia de duas violências: a violência primária, no sentido de Piera Aulagnier, e a violência simbólica, tal como a entende Pierre Bourdieu. Para os autores, a desintrincação pulsional, obra da pulsão de morte, sustenta a interação do psiquismo através do masoquismo erógeno primário, no qual o ódio se torna a única forma de investimento libidinal para manter a vida.

Palavras-chave: ódio, desintrincação pulsional, investimento libidinal

*Não me tireis o meu ódio;
ele é a única coisa que me resta.*

ALEXANDRE DUMAS, *O conde de Monte Cristo*³

Das origens

Partimos do princípio de que o ser humano permanece atado ao corpo que o gesta através do cordão umbilical, meio pelo qual recebe o necessário para desenvolver-se no período gestacional. Quando esse período chega a

- 1 Psicóloga. Psicanalista. Membro titular com função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA).
- 2 Psicólogo. Psicanalista. Doutor em psicopatologia fundamental e psicanálise pela Universidade de Paris 7, com pós-doutorado na mesma instituição. Membro da Société de Psychanalyse Freudienne (SPF). Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).
- 3 Fala proferida pelo Conde de Monte Cristo, encarnado por Edmond Dantès, num momento crucial da narrativa, quando o personagem fala de sua sede de justiça e vingança após anos de prisão injusta: o ódio é a força motriz que o mantém vivo e concentrado em seu objetivo.

termo, o feto deixa o espaço perene e é lançado num ambiente heterogêneo. Mas não só.

Marcado pela prematuridade biológica desde a origem, o ser humano estaria fadado à morte não fosse a presença do Outro, responsável pelo trabalho de ligação da força pulsional, o qual o recém-nascido não seria capaz de realizar. Trata-se de uma transmissão ofertada por um outro e não pela natureza (Birman, 1999).

Freud já nos antecipara sua compreensão: “Há bem mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que nos faz crer a notável ruptura⁴ do ato do nascimento. O objeto psíquico materno substitui, para a criança, a situação biológica do feto” (1926/2014, p. 80). Com essa complexidade, Freud responde a Rank acerca do primeiro grande trauma que o ser humano enfrentará: o nascimento.

Para Ferenczi, “no início da vida, intra e extrauterina, os órgãos e suas funções desenvolvem-se com uma abundância e uma rapidez surpreendentes – mas só em condições particularmente favoráveis de proteção do embrião da criança” (1929/1992, p. 50).

Bion (1977/1981), por sua vez, explica que a cesura compreende uma fronteira paradoxal que une e separa, simultaneamente, diferentes estados mentais, funcionando como uma ponte em que diversos elementos opostos se encontram e se transformam, o que alude à própria constituição do aparelho psíquico.

Já Carneiro aponta um vínculo íntimo entre a solidão e o desamparo com a vivência do nascimento:

Aprendi mais tarde que esta forma de solidão é vivenciada como sentimento de desamparo. Repetição de um estado de ser perdido nos primórdios do tempo e reencontrado a cada vez que a realidade acusa que o cordão umbilical foi cortado para sempre. E só desse modo se pode viver, tentando ser a gente mesma. (2017, p. 31)

Ao mesmo tempo que concordamos com os autores, entendemos que a incontestável fragilidade do bebê humano ao nascer traduz sua situação antropológica fundamental: o desamparo (*Hilflosigkeit*).⁵ A falta de recursos motores e psíquicos aumenta a intensidade dos perigos e, igualmente, o valor do objeto que promove a diminuição da tensão: só o objeto é “capaz de

4 Vale considerar que em outras traduções de Freud do mesmo texto, como na versão argentina de José Luis Etcheverry publicada pela editora Amorrortu, lê-se “llamativa cesura” (1926/1986, p. 131).

5 “Desamparo” é a tradução da palavra alemã *Hilflosigkeit*. Ela é composta de três partes: *Hilfe*, que significa “socorro”; *los*, que pode ser definido por “sem”; e *keit*, que forma o substantivo. *Hilflosigkeit*, em inglês *helplessness*, seria melhor traduzido pelo neologismo “insocorribilidade”. Somos, por definição, “insocorríveis”. Nada pode aplacar nosso desamparo constitucional (Ceccarelli, 2005).

proteger contra esses perigos e tomar o lugar da vida intrauterina perdida” (Freud, 1926/2014, p. 101). Sem uma “ajuda alheia”, vinda de fora (Freud, 1950[1895]/1995), o recém-nascido não é capaz de promover as alterações necessárias à diminuição da tensão interna.

No começo da infância, o indivíduo realmente não se acha equipado para lidar psiquicamente com grandes quantidades de excitação, que lhe chegam de fora ou de dentro. Em determinado período da vida, o que realmente mais importa é que as pessoas de que dependemos não nos retirem seu terno cuidado. (Freud, 1926/2014, pp. 90-91)

Ao nascer, o bebê se encontra num espaço que lhe é heterogêneo, enfrentando-se com uma experiência que antecipa a sua possibilidade de resposta. Ligadas ao grito, vão se dando as primeiras sensações – a partir do espaço corporal, através da pele, estendendo-se aos órgãos dos sentidos.

Em nome da fome, o auxiliador externo será imprescindível, agente e autor da ação específica, quando as primeiras necessidades do bebê, satisfeitas ou não, tornam-se um marco que permanecerá gravado no corpo sensorial do infans.⁶

Entretanto, o alimento indispensável é acompanhado por uma série de comunicações não verbais, promotoras das primeiras experiências e constituintes do arcabouço afetivo que acompanhará o sujeito ao longo de sua trajetória. A ligação somatopsíquica será a essência desse processo, e as produções psíquicas da mãe atuarão sobre a expressão corporal do bebê, processo fundamental para que esse ser se constitua sujeito.

Para que aconteça a “sobrevivência psíquica” (McDougall, 1995/1997), alguém deve oferecer suporte ao bebê, candidato potencial a sujeito, na travessia de duas “violências” incontornáveis, fundamentais e fundantes: a *violência primária* (Aulagnier, 1975/1979), que diz respeito à comunicação do cuidador com o recém-nascido, nomeando a demanda do infans enquanto ele é incapaz de fazê-lo, e a *violência simbólica* (Bourdieu, 2002), relativa à aquisição dos códigos e valores da sociedade na qual está inserido. “No momento em que a boca encontra o seio, ela encontra e absorve um primeiro gole do mundo. Afeto, sentido, cultura estão copresentes e são os responsáveis pelo gosto das primeiras gotas de leite” (Aulagnier, 1975/1979, p. 40). O corpo que a mãe antecipa, antes do nascimento do bebê, é marcado por pré-investimentos, bem como por pré-enunciados carregados de libido. Trata-se do corpo falado que se ancora no corpo real do bebê (Aulagnier, 1975/1979).⁷

6 Infans: designação atribuída pelos franceses à criança que ainda não fala

7 Para Aulagnier, a construção do Eu que se dá entre 6 e 18 meses é solidária ao estádio do espelho de Lacan.

Por meio desses encontros corporais e sensações despertadas na pele, delimitam-se as bordas que fazem o pequeno ser sentir-se vivo e existente através de uma imagem corporal oferecida pelo olhar de quem o reconhece, dando-lhe o que chamamos de *berço psíquico*: o lugar que a criança ocupa, a partir da interpretação que ela faz do desejo do Outro (Ceccarelli, 2025b) – de quem lhe deu vida psíquica e a acolheu (ou não) no mundo.

Nesse contexto, é pelo trabalho do Outro, através da mediação da dependência, que o sujeito se constitui, ainda que posteriormente encontre novas e melhores maneiras de manejar as excitações e relativizar sua dependência. Contudo, sendo a força pulsional constante, o estado de desamparo é uma sombra que o acompanha ou o persegue.

Nos encontros com o bebê, os desencontros podem ser recorrentes, quando uma outra violência pode se apresentar, nomeada por Aulagnier (1975/1979) de *violência secundária*, que pode provocar uma ruptura entre o estado fetal e o de infans, ao não considerar a prematuridade da cria humana, causando perturbações no trabalho de representação do Eu ainda corporal.

A discordância entre o que o infans demanda e o que o cuidador deseja pode ser vivida pela criança como não reconhecimento de sua existência. Nesses casos, a experiência de ser “em duplo” impede o psiquismo de se integrar e viver o si mesmo próprio, pela exigência de seguir o que lhe é imposto por parte daquele que aliena. Em geral, somente um observador acurado é capaz de identificar esse fenômeno, pela sutileza com que a comunicação pela violência secundária supera a violência primária.⁸

Ao trabalhar as relações entre a criança mal acolhida e sua pulsão de morte, Ferenczi afirma:

A criança deve ser levada, por um poderoso dispêndio de amor, de ternura e de cuidados, a perdoar os pais por terem-na posto no mundo sem lhe perguntar qual era a sua intenção, pois, caso contrário, as pulsões de destruição logo entram em ação. (1929/1992, p. 50)

Da continuidade

Freud discorre sobre o tema da identificação primária desde o “Projeto para uma psicologia científica” (1950[1895]/1995). Ele parte da ideia do *complexo do semelhante*, em que através da presença de um outro a criança se torna capaz de reconhecer o seu Eu, e do *complexo do próximo*, em que a presença de

8 A violência primária consiste numa ação psíquica pela qual se impõe à psique do outro uma escolha, um pensamento, uma ação. É o meio pelo qual a mãe identifica o infans e seu desejo, nomeando o que para ele ainda é impossível nomear, mediante um “banho de palavras”. É a forma pela qual busca inserir o infans na ordem da comunicação humana e da cultura.

outra pessoa, seu próximo, permitirá ao Eu da criança reconhecer e discernir as semelhanças e diferenças consigo mesmo. Esse primeiro objeto reconhecido por satisfazer suas necessidades torna-se seu primeiro objeto hostil quando frustra, ao mesmo tempo que é, sobretudo, o único a poder lhe auxiliar. Essa dependência é obrigatória e impossível de evitar.

Freud destaca o tema da identificação no capítulo 7 de *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2011b). Segundo ele, a identificação primária é o laço emocional inicial que o ser humano estabelece com o semelhante. É uma identificação direta e imediata com aquele que atende à sua demanda, sem passar pelo reconhecimento de quem é. Somente sua função de correspondência ao desejo é o que conta.

O bebê, por sua vez, está condenado a investir, impondo uma exigência de trabalho ao psiquismo (*Drang*), reivindicada pelo somático (Aulagnier, 1975/1979), que é atávica ao ser humano, para viver e dar representação à vivência. Da mesma forma, por falta de identidade, o ser humano é condenado às identificações. “Esse nosso ‘destino pulsional’ marca, simultaneamente, nossa liberdade e nossas limitações” (Ceccarelli, 2023, p. 137).

Nesse contexto, o desamparo leva à “necessidade de ser amado, que jamais abandona o ser humano” (Freud, 1926/2014, p. 101). As novas formas de investimento libidinal criadas por Eros confortam, imaginariamente, o Eu em constituição, produzindo uma dinâmica pulsional própria, que se relaciona com a dependência psíquica, constituída pela palavra, pela linguagem (Ceccarelli, 2009).

Essa dependência psíquica tem suas raízes ancoradas na complexa trama do que herdamos, do que nos constitui no nascimento, do que nos é singular e das vivências infantis. O longo período de dependência infantil envolve uma interação de fatores biológicos, psicológicos e sociais, cuja disponibilidade psíquica se revela através do cuidado efetivo acompanhado pelo amor de quem fornece os cuidados. Nesse encontro, o infans reage demandando, como resposta ao desejo de ser desejado, porquanto incorpora o desejo da mãe sem saber da existência da mãe, o que é condição indispensável para que ele defenda seu desejo. Nos casos em que a incorporação é de uma mãe hostil e não desejante, a consequência poderá ser o infans abdicar de seu próprio desejo ou lutar para não desejar o desejo, expressão que Aulagnier (1975/1979) usa para designar a pulsão de morte.

Uma vez que, segundo Aulagnier, o Eu corporal do infans é antecipado pelo Eu materno, no encontro com a mãe ele autoengendra uma imagem de si mesmo, mediante a representação pictográfica.⁹ Essa primeira representação do encontro torna-se testemunha da presença de uma capacidade de reagir,

9 Forma de representação no processo originário.

pois a atividade vital manifesta, desde o início, a presença de um poder de excitação da zona sensorial. Aulagnier ressalta que o infans poderá fechar a boca em resposta à recusa do alimento – possível origem das anorexias –, mas não poderá fechar os ouvidos para proteger-se de escutar manifestações de rechaço e ódio dos que dele “cuidam”.

O Eu antecipado por um objeto de desprazer obriga a criar uma representação. Quando o psiquismo descobre que a representação até então formulada não é suficiente, o que foi representado pelo objeto entra em conflito com o que o infans pode representar. Esse conflito se dá pela ausência do sistema de para-excitação, exercido primariamente pelo auxiliador. O desacerto dessa função impele o corpo a buscar, naturalmente, um para-desinvestimento.

Assim, entendemos que o infans, antes de ser Eu, é corpo. Como não há psiquismo capaz de traduzir as vivências em representações psíquicas, elas se tornam um patrimônio jamais esquecido, mas não passível de ser traduzido em palavras, forma que conhecemos de ligar os afetos precoces despertados em sentimentos nomeáveis com as devidas representações vividas.

Na Carta 52 (1896/2001), Freud menciona os *fueros*, instituto jurídico espanhol atinente às antigas leis que não se modificam, para referir-se às leis do inconsciente que nunca mudam. Usamos essa representação para pensar nas vivências muito primitivas, que despertam as sensações da visão, da audição, do tato, do olfato e do gosto, as quais não são capazes de memória, nem geram defesa, dado que o psiquismo ainda não se constituiu. Entretanto, elas permanecem inconscientes e não são permeáveis à consciência, nem podem ser lembradas. As marcas não desaparecem nem se alteram. Seu conteúdo não pode emergir através da representação, nem se expressar através da palavra, revelando-se válido invocar a metáfora dos *fueros* quando não temos acesso às representações psíquicas derivadas das vivências precoces. Se irrompem para fora do Eu, isso acontece através de atuações internas (psíquicas) ou externas (ações descontroladas sobre o ambiente).

Contrariamente, quando as vivências de prazer se sobressaem, se tudo vai bem, vemos a facilidade com que os vínculos futuros se repetem, se dobram, se constituem como expressão das vivências precoces que se mantêm através das memórias sensoriais (Ceccarelli, 2025a; Gerchmann, 2025a).

Como salienta Hornstein, a condição do ser humano de ter autoestima é precedida por ele ter sido estimado pelo objeto significativo:

A autoestima é instável. É causada por oscilações nas gratificações ou frustrações nos relacionamentos com os outros, pelo sentimento de ser estimado ou rejeitado, pela forma como cada pessoa avalia a distância entre si e seus objetivos e aspirações, por um lado, e suas conquistas e sucessos, por outro. (2011, p. 130)

Do ódio

Nos *Três ensaios* (1905/2016), Freud mostra que o ódio pode ser tão estruturante quanto o amor, identificando nas fases do desenvolvimento psicosssexual o ímpeto da criança de se apropriar do corpo da mãe para mantê-la próxima. Como a manifestação da pulsão começa muito cedo, identifica-se a destrutividade relacionada à incorporação, pelo bebê, do primeiro objeto de sua necessidade, a mãe (Gerchmann, 2023, 2025b).

Da passagem do autoerotismo para o Eu de puro prazer – narcisismo –, decorrerá uma relação inicialmente de indiferença em face do exterior, enquanto não produza gratificação. Assim, com o ingresso no período do narcisismo primário, também o amor encontra sua antítese no ódio: “Não se pode descartar que também o sentido original do ódio designe a relação para com o mundo exterior alheio e portador de estímulos. A indiferença se liga ao ódio” (Freud, 1915/2010d, pp. 75-76), e a aversão poderá ter sido sua precursora.

Em situações nas quais se sente repulsa em relação ao objeto, o ódio poderá se exacerbar e levar à intenção de agredir o objeto, aniquilá-lo (Freud, 1915/2010d).

Se Freud, em *O mal-estar na cultura* (1930/1974a), apresenta a ideia de um sentimento oceânico, que produz no sujeito a sensação de ser um com o universo (*Lebenstrieb*), ele fala também de outra tendência (*Todestrieb*), de retornar ao estado sem vida (*Leblosen*). Ambas, em estado puro, levam à morte.

A partir de diferentes ligações ou laços (*bindung*), pode-se esboçar uma compreensão do que levaria o sujeito a se manter atado ao objeto pelo ódio – amado por ser necessário, mas odiado quando não cumpre o imprescindível e esperado. Como é difícil amar um objeto que frustra, decepciona – um objeto em que se investiu, mas que insiste em contrainvestir ou desinvestir. Entre contrainvestimento e desinvestimento, encontramos uma modulação a ser considerada, concernente ao que faz o sujeito desistir do objeto, seja elaborando um luto pela perda sofrida, seja mantendo o investimento nele, ainda que odiando.

Por mais que tentemos driblar nosso desamparo, os investimentos (Eros) que fazemos nos deixam desprotegidos em face do sofrimento, devido ao risco da perda. Por isso, jamais nos tornamos tão desamparadamente infelizes quanto na circunstância em que perdemos o objeto amado ou o seu amor (Freud, 1930/1974a).

Temos por hipótese que uma das origens do ódio guarda relações diretas com a representação psíquica que a mãe tem do corpo do bebê, quando essa representação é carregada de um quantum de energia geradora de desprazer, que supera, em termos “econômicos”, o quantum de prazer.

Para Aulagnier (1975/1979), as modalidades de satisfação pulsional podem ser resumidas em duas: o prazer necessário (*plaisir nécessaire*) e o prazer suficiente (*plaisir suffisant*) – cada uma delas com desdobramentos particulares no desenvolvimento psicosssexual.

O prazer necessário refere-se à satisfação das demandas básicas para a sobrevivência física, capaz de estabelecer uma confiança no mundo: alimento, acolhimento, segurança. Trata-se de um prazer imediato a fim de evitar o desprazer e a privação.

O prazer suficiente vai além do desprazer. São experiências ligadas à gratificação e envolvem um outro, geralmente quem exerce os cuidados, ensinando a construção de espaço psíquico próprio. Esse prazer permite a simbolização, a antecipação e a emergência do desejo. Diferentemente do prazer necessário, o suficiente introduz a dimensão da falta e do desejo psíquico.

Contudo, continua Aulagnier, é a passagem do prazer necessário para o prazer suficiente que permite o desenvolvimento de um psiquismo saudável, fazendo com que o sujeito renuncie à satisfação imediata, puramente biológica, e seja capaz de investimentos em objetos simbólicos, o que o leva a construir a singularidade de sua identidade.

Para o sujeito manter-se vivo, exsurge necessário preservar uma relação de investimento que lhe assegure um prazer mínimo com seu próprio corpo, com o Eu dos outros cujo desejo se revela sempre autônomo e por vezes antagonístico ao seu próprio, uma vez que a realidade nunca estará totalmente em conformidade com a representação que ele almejava se dar dela. Encontra-se aí a função da realização alucinatória do desejo, enquanto não se desiste de buscar o objeto para sua satisfação.

Entretanto, a frustração recorrente faz com que o objeto se mantenha odiado pelo sujeito, levando-o a adquirir uma existência que o diferencia dos demais, necessária à manutenção desse ódio para ter representação psíquica e viver. Não à toa, crianças que apresentam condutas antissociais, em geral, sofreram violência e foram expostas precocemente a trocas de agressão no núcleo familiar. Nesses casos, Eros, numa batalha hercúlea, tentará vencer a pulsão de destruição, ainda que em nome e através de um interdito social.

Quando é o ódio a moeda de troca no vínculo de amor, de união, ele se torna a mola propulsora da pulsão que não cessa de fazer-se representar – se torna uma forma, ou *a* forma, de manter a vida: “Não me tireis o meu ódio; ele é a única coisa que me resta”.

Nossa hipótese tem ressonâncias com o que Nathalie Zaltzman (1979/2011) denomina *a pulsão anarquista*. Segundo a psicanalista francesa, certas manifestações da pulsão de morte seriam o último recurso de que o sujeito lança mão para garantir sua sobrevivência. A autora apresenta uma série de “observações e reflexões sobre a atividade da pulsão de morte na

Quando o ódio mantém a vida

vida psíquica” (p. 22), de modo que a destrutividade é entendida como uma maneira de sobreviver.

Em sua perspectiva, a pulsão anarquista se apresentaria como uma variante transgressiva da pulsão de morte. Tal pulsão reúne sua força em lutas, resistências e ameaças que comprometeriam a vida física e psíquica, destinos não mortíferos da pulsão de morte. Para a autora, a pulsão anarquista, que acreditamos estar presente no ódio, protege uma condição fundamental para o ser humano manter-se vivo, atinente à paradoxal liberdade de escolha, quando a experiência parece matar toda possibilidade de escolha:

Na experiência-limite, que associa a fragilidade das razões de viver e sua indestrutibilidade, a vontade individual de viver, ao remover a destruição, encontra sua força de luta na ameaça de morte. Só a energia dissociativa da pulsão de morte pode estimular o impulso libertário. (p. 56)

O sadismo, como a outra face do masoquismo, pode encontrar, na experiência-limite citada por Zaltzman, suas variantes.

Entre as interpretações cabíveis, pensamos na impossibilidade de o objeto amar o sujeito, produzindo um rebaixamento do amor-próprio ao longo da vida. Ao perturbar o trabalho de representação concernente ao próprio Eu, a frustração que prevalece sobre gratificações necessárias e emergentes acompanha as primeiras gravações. Assim, observamos que o ódio primário é despertado muito cedo e, com ele, uma ambivalência relacionada ao objeto provedor, como apresentado por Freud (1913/1974b). A oscilação entre a presença e a ausência do objeto necessário – e sua resposta de satisfação e frustração pela ausência ou falha no atendimento das necessidades – estende-se a decepções concernentes à não realização dos desejos despertados.

Do paradoxal masoquismo

Quando o bebê experimentou prazer sucessivas vezes, ele conserva uma memória sensorial, a qual engendra, na ausência do objeto, a manifestação de seu desprazer. Fará parte dessa experiência, num primeiro momento, realizar alucinatoriamente a satisfação de seu desejo, mas essa satisfação é efêmera e não o protege de sentir o desamparo. Ao mesmo tempo, quando o bebê é acolhido pelo desejo do cuidador, é preparado para posteriores situações em que identificará seu sofrimento, bem como os limites toleráveis desse sofrimento, por meio daquilo que Freud (1924/2011a) designou como *masoquismo erógeno primário*, portanto originário. Nessa senda, será o masoquismo erógeno primário, guardião da vida – e não somente da vida psíquica –,

o regulador das intensidades relacionadas ao prazer experimentado pelo sujeito. Logo, o masoquismo erógeno primário prepara e está na base de outras vivências, nas quais o ser humano reage através de sofrimentos gerados por outros ou por ele mesmo, descoberta de Freud ao valorizar o quantum energético, ou seja, a economia psíquica ligada aos investimentos libidinais.

O autor complexiza sua ideia sobre os dois princípios do funcionamento mental de 1911 ao não considerar mais a linearidade entre o princípio do prazer com o processo primário e o princípio de realidade com o processo secundário. E o problema econômico do masoquismo é expressão dessa complexidade.

Por seu turno, Aulagnier (1968/1981) diferencia o instinto da pulsão, propondo que a pulsão ativa inibe as potencialidades inatas do “organismo vivo”, que se relacionam aos instintos. Para a autora, pulsão de vida e pulsão de morte só existem em sua imbricação ou desimbricação, e elas servirão com prevalência de uma ou de outra, mas não com exclusividade, uma vez que, enquanto uma luta pela integração das partes num todo para preservar a vida, a outra busca reconduzir o ser vivo a uma desorganização que é sua constituição original.

Benno Rosenberg (1991/2003) corrobora essa ideia ao entender o “paradoxo do masoquismo” como a contradição que a teoria do masoquismo enfrenta, quando ele é expressão do prazer da dor, do sofrimento, ou seja, exprime o prazer do desprazer.

Como referido anteriormente, uma das origens desse masoquismo está na falha do auxiliador, quando o prazer pela satisfação que não se realizou poderá constituir o prazer pela dor. A dor, como companheira, leva o sujeito a acreditar que é merecida, alguma coisa fez de errado para ter o castigo do não atendimento. Nesse contexto, também o quantum da dor não é identificado pelo sujeito, podendo provocar graves doenças ou levar à morte, ou ainda ser causa de manifestações de ódio e desejo de destruição do semelhante.

À guisa de exemplo, imaginemos a decepção oriunda de o filho idealizado não corresponder ao filho que nasceu, despertando uma raiva que se mantém inconsciente, e portanto negada, incapaz de ser eliminada. O filho, por sua vez, é incapaz de evitar sentir-se odiado, e a repercussão desse encontro será avistada no futuro.

No *Compêndio de psicanálise* (1940[1938]/2018a), Freud atribui às instâncias psíquicas influências que remontam não somente ao encontro do sujeito com seus objetos atuais; ele concede à sua pré-história e à cultura a ponta de um novelo que não cessa de tramar histórias que permanecerão se cruzando ao longo de gerações, que guardarão em seu arcaibouço segredos jamais revelados, os quais, ainda assim, poderão ter repercussões nunca

traduzidas. Trata-se de uma situação em que as vivências não terão uma representação para que se lhe atribuam novos destinos e novos sentidos.

A importância que Freud concede à historização no texto sobre Moisés segue sendo desenvolvida no *Compêndio*, sua última obra, publicada após sua morte. Ele integra a segunda teoria das pulsões, que representara a grande virada de 1920, com *Além do princípio do prazer*, sem tirar o lugar de importância das “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”, de 1911. O psiquismo complexiza e vamos encontrar fundamento para o paradoxo do masoquismo e para o fenômeno clínico que faz sua aparição inesperadamente, quando reconhecido a tempo para não resultar em evasão do tratamento: a reação terapêutica negativa.

Pensamos que num artigo de 1916, “Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica”, Freud dá as primeiras pinceladas na complexização do psiquismo e no paradoxo do masoquismo, vindo a fundamentar isso depois da construção da segunda tópica, quando reúne as pulsões em derivados de Eros e Tânatos. Nesse texto, ele sugere três modalidades de funcionamento psíquico que poderão ser compreendidas à luz de um encontro inicial marcado por falta de amor e acolhimento – a constituição do sujeito cujo anseio pelo prazer do encontro revelou-se como desprazer por quem o encontrou, deixando no lugar o vazio do fracasso do vir a ser desejado.

Assim, “Não me tireis o meu ódio; ele é a única coisa que me resta” poderá ser o fundamento do próprio desapontamento, transformando-se na força que impulsiona a seguir vivo, respondendo ao paradoxo que o masoquismo reflete. Uma inversão do desejo de prazer pela realização do desprazer.

Seguindo o proposto por Aulagnier:

É, pois, *nachträglich*, a posteriori, que o sujeito encena a ilusão de um antes original, onde toda tensão, todo desejo, teria estado ausente, graças à presença de quem, em realidade, veio responder a uma necessidade específica, e não ao desejo que não poderia satisfazer-se, senão pelo domínio eterno do próprio desejo. (1968/1981, p. 303)

Da mesma forma, através do referencial freudiano, Rosenberg (1991/2003), em seus estudos acerca do masoquismo, diz que a ausência da pulsão de morte não geraria um potencial de ligação da pulsão de vida, responsável pela disposição de transformar o passado e de apagá-lo. A transformação do passado poderá ser um caminho para reconduzir a historicidade da vida psíquica a uma modificação de “presentes” puros e descontínuos, o que equivaleria a uma anulação de seu valor historizante. No entanto, sem a memória da história, a tendência à desintração pulsional poderá tornar-se a melhor resolução psíquica.

Pensamos, finalmente, que a desintração pulsional que busca desligar do desconforto não se completa a ponto de fazer o Eu incipiente desistir da luta, situação que levaria à morte. Ao contrário, age na construção do aparelho psíquico, mantendo sua interação através do masoquismo erógeno primário, guardião da vida e defensor contra a morte. Nesse caso, onde deveria ser restabelecido um estado anterior de desintegração, permanece uma atadura da qual o sujeito não poderá liberar-se: o ódio torna-se a única forma de investimento libidinal por meio da qual o sujeito mantém a vida; os afetos ainda não representados invadem o campo e se expressam pela compulsão à repetição.

Cuando el odio mantiene la vida

Resumen: Partiendo de la prematuridad biológica del ser humano y su fragilidad constitucional, marcada por la indefensión, los autores buscan situar los orígenes del odio en la insuficiencia de los primeros intercambios del recién nacido con el mundo. Sin un otro capaz de interpretar las necesidades del bebé, su capacidad de supervivencia psíquica no se materializa, ya que las representaciones están cargadas de una energía que genera displacer. Quien ofrece apoyo al bebé, potencial candidato a sujeto, debe poder asegurar su tránsito a través de dos formas de violencia: la violencia primaria, en el sentido de Piera Aulagnier, y la violencia simbólica, tal como la entiende Pierre Bourdieu. Para los autores, el desenredo de las pulsiones, un trabajo de la pulsión de muerte, mantiene la interacción de la psique a través del masoquismo erógeno primario, en el que el odio se convierte en la única forma de investidura libidinal para sostener la vida.

Palabras clave: odio, desenredo de las pulsiones, investidura libidinal

When hatred sustains life

Abstract: Starting from the biological prematurity of the human being and its constitutional fragility marked by helplessness, the authors seek to situate the origins of hatred in the insufficiency of the newborn's first exchanges with the world. Without another capable of interpreting the baby's needs, its capacity for psychic survival does not occur, since representations are charged with a quantum of energy that generates displeasure. The one who offers support to the baby, a potential candidate to subject, must be able to ensure its passage through two forms of violence: primary violence, in the sense of Piera Aulagnier, and symbolic violence, as understood by Pierre Bourdieu. For the authors, the disentanglement of drives, a work of the death drive, maintains the interaction of the psyche through primary erogenous masochism, in which hatred becomes the only form of libidinal investment to sustain life.

Keywords: hatred, disentanglement of drives, libidinal investment

Quand la haine maintient la vie

Résumé : Partant de la prématurité biologique de l'être humain et de sa fragilité constitutionnelle marquée par l'impuissance, les auteurs cherchent à situer les origines de la haine dans l'insuffisance des premiers échanges du nouveau-né avec le monde. Sans autrui capable d'interpréter les besoins du bébé, sa capacité de survie psychique ne peut se développer, car les représentations sont chargées d'une quantité d'énergie génératrice de déplaisir. Celui ou celle qui apporte son soutien au bébé, candidat potentiel à sujet, doit pouvoir assurer son passage à travers deux formes de violence : la violence primaire, au sens de Piera Aulagnier, et la violence symbolique, telle que l'entend Pierre Bourdieu. Pour les auteurs, le démêlage des pulsions, œuvre de la pulsion de mort, maintient l'interaction psychique par un masochisme érogène primaire, dans lequel la haine devient l'unique forme d'investissement libidinal nécessaire au maintien de la vie.

Mots-clés : haine, démêlage des pulsions, investissement libidinal

Referências

- Aulagnier, P. (1979). *A violência da interpretação* (M. C. Pellegrino, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1975)
- Aulagnier, P. (1981). Observações sobre o masoquismo primário. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(4), 297-307. (Trabalho original publicado em 1968)
- Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15, 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)
- Birman, J. (1999). A dádiva e o Outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 9(2), 9-30.
- Bourdieu, P. (2002). *La domination masculine*. Seuil.
- Carneiro, C. (2017). Escrevo-lhe para aliviar a minha dor... *Associação Livre: Jornal da Sociedade de Psicanálise de Brasília*, 6(8), 31.
- Ceccarelli, P. R. (2005). Perversão e suas versões. *Reverso: Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*, 27(52), 43-50.
- Ceccarelli, P. R. (2009). Laço social: uma ilusão frente ao desamparo. *Reverso: Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*, 31(58), 33-42.
- Ceccarelli, P. R. (2023). O que as categorias de gênero e as construções identitárias têm a dizer à psicanálise? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 57(1), 131-146.
- Ceccarelli, P. R. (2025a). A psicanálise e as duas dimensões da realidade. *Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas*, 9(22), 71-80.
- Ceccarelli, P. R. (2025b). *Transexualidades*. Artesã.
- Ferenczi, S. (1992). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, Trad., Vol. 4, pp. 47-52). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929)
- Freud, S. (1974a). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21, pp. 76-171). Imago. (Trabalho original publicado em 1930)

- Freud, S. (1974b). Totem e tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 13, pp. 13-191). Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1986). Inhibición, síntoma y angustia. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 20, pp. 71-164). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1995). *Projeto para uma psicologia científica* (O. F. Gabbi Junior, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895])
- Freud, S. (2001). Carta 52. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 1, pp. 274-280). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896)
- Freud, S. (2010a). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 161-239). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010b). Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol.12, pp. 253-286). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (2010c). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 10, pp. 108-121). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2010d). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 51-81). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2011a). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 184-202). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2011b). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 15, pp. 13-113). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 17, pp. 13-123). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 6, pp. 13-154). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2018a). Compêndio de psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, pp. 189-273). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1940[1938])
- Freud, S. (2018b). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, pp. 13-188). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1939[1934-1938])
- Gerchmann, A. (2023). O duplo: estranho/familiar na concepção afetiva do si mesmo. *Psicanálise: Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 25(1), 18-26.
- Gerchmann, A. (2025a). *Diferentes perspectivas do traumático* [Apresentação de trabalho]. Jornada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Porto Alegre.
- Gerchmann, A. (2025b). Estigma: entre observação e execução do preconceito, o espectro alienante. *Trieb: Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*, 24(2).

Quando o ódio mantém a vida

- Hornstein, L. (2011). *Autoestima e identidade: narcisismo y valores sociales*. Fondo de Cultura Económica.
- McDougall, J. (1997). *As múltiplas faces de Eros* (P. H. B. Rondon, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1995)
- Rosenberg, B. (2003). *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida* (C. Gambini, Trad.). Escuta. (Trabalho original publicado em 1991)
- Zaltzman, N. (2011). La pulsion anarchiste. In N. Zaltzman, J. André, A. Beetschen, C. Chabert, C. Ehrenberg, R. Guarnieri, J.-M. Hirt, D. Scarfone & E. Tysebaert *Psyché anarchiste* (pp. 15-79). Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1979)

Recebido em 13/1/2026, aceito em 11/3/2026

Augusta Gerchmann
augustagerchmann@hotmail.com

Paulo Roberto Ceccarelli
paulorcbh@mac.com

